

ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA DISCUSSÃO ACERCA DA PRATICIDADE ESCOLAR¹

*Francisco Ringo Star Pinto*²

Graduado em Geografia CGE/CAMEAM/UERN
ringostar-50@hotmail.com

*Rosalvo Nobre Carneiro*³

Professor Dr. do CGE/CAMEAM/UERN
rosalvonobre@uern.br

Resumo: Pensar na educação nos dias atuais tornou-se uma necessidade de mudança, renovação, autonomia que exigem do professor: princípios, competência, dinamização para entender os diferentes sujeitos, com comportamentos diversos presentes no contexto escolar. A geografia em sala de aula, não foge a esta discussão, sobretudo em se tratando de uma disciplina tão sequiosa de autonomia e legitimidade epistemológica, ciência e disciplina esta como visão de mundo, cujo objetivo é estudar o espaço e as relações de produção com a sociedade. Este trabalho tem como apoio teórico, Morin (2000), Freire (2008) e Cavalcante (2013), leituras estas que irão discutir a respeito da educação no futuro, a imprescindível presença de um educador autônomo e mediador de conhecimentos com diferentes abordagens geográficas na sala de aula, já que este, é o papel do professor frente a esses fatores de mudanças e, ao mesmo tempo como a Geografia se coloca doravante ao despertar de um novo ensino que busque o entendimento dos sujeitos na totalidade-mundo no ensino fundamental.

Palavras-chave: Autonomia. Ensino. Geografia. Praticidade.

¹ Este artigo é fruto do Estágio Supervisionado e as discussões realizadas no Grupo de Estudos sobre Espaço, Ensino e Ciências Humanas, sob a orientação do Professor Dr. Rosalvo Nobre Carneiro.

² Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – CAMEAM e Membro do Grupo de Estudos sobre Espaço, Ensino e Ciências Humanas – GEPEECH.

³ Professor do Curso de Geografia UERN/CAMEAM, Coordenador do Grupo de Estudos sobre Espaço, Ensino e Ciências Humanas – GEPEECH e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH, Campus Central, Mossoró-RN.

Introdução

Quando Edgar Morin escreve uma das obras mais importantes do século XX, *Os Sete Saberes necessários à educação do futuro*, um dos livros que mais contribuíram para a evolução da educação no mundo contemporâneo, ele inicia uma frase que faz-se necessário refletir acerca do atuar pedagógico em sala de aula, sobretudo nas aulas de Geografia, dizendo que:

Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão. A educação do futuro deve enfrentar o problema de dupla face do erro e da ilusão. O maior erro seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais. (MORIN, 2000, p. 19)

A temática que nos remete enquanto profissional ou futuros professores de Geografia, é a inserção da praticidade diante de nossa função. Adquirimos o conhecimento epistemológico tão necessário para a nossa formação, sendo que a nossa função no final de nossa graduação é transformar todo o nosso conhecimento na prática.

Contudo, sempre se espera que o conhecimento que adquirimos nos primeiros anos de nossa formação, sejam necessário para que no estágio de preparação profissional, sejamos capazes de fazer com que os alunos conheçam e compreendam a realidade em torno do mundo e as mudanças que nele decorrem através dos conteúdos estudados dentro da disciplina de Geografia.

A Geografia sofreu várias mudanças, desde o seu apogeu enquanto ciência até os dias de hoje. Desde as suas origens, essa disciplina passou a atuar e casar de forma interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, buscando em seu principal objetivo um contato, um diálogo interdisciplinar com outras ciências.

Todavia, os teóricos do passado, que deram os primeiros passos para a existência e o desenrolar da ciência geográfica, também não escaparam do erro e da ilusão, quando por meio de seus meros métodos de análises cartesianas, descritivas e quantitativas, acabaram deixando marcas que por muitos anos comprometeu o reconhecimento e o valor da Geografia perante as outras ciências e outros teóricos que não se arriscaram a estudá-la.

No desenrolar de uma ciência que buscava fazer a interpretação, a história no tempo, a leitura do cotidiano no espaço geográfico, contudo, também, existiram interesses políticos e pretensões científicas que acabou por deixar a muito tempo, uma geografia desvalorizada, presa aos métodos tradicionais, a meros usos de descrições de paisagens e lugares, no qual, não representava nenhuma contribuição para outras ciências e tampouco conhecida na sociedade como ciência, como campo profissional.

Foram algumas seqüelas do passado, deixados dentro da Geografia, que acabou comprometendo a sua valorização como disciplina escolar, ou seja, pouca atenção e interesse foram dados a essa disciplina em sala de aula, visto que a sua forma de ser trabalhada em sala de aula era de certa maneira rotineira, cansativa, sem nenhuma dinamização, aproveitamento e planejamento, o que muitas vezes não são tratadas com seriedade, trabalho, pensar pedagógico e didático, sendo que muitas vezes o ensino é tratado em sala de aula como um mero faz de conta.

Assim, faço das palavras do professor e pedagogo Paulo Freire, uma realidade para nós futuros professores e para o ensino de Geografia, quando ele nos diz que:

[...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a *curiosidade epistemológica* do sujeito. (FREIRE, 2011, p. 39, grifo do autor)

Desde o primeiro encontro nacional dos geógrafos no ano que 1978, realizado em Fortaleza – CE, que pensou-se na busca pela renovação e incessante Geografia Crítica, atrelada ao modelo construtivista, ou seja, fazendo com que discente e docente, construíssem através dessa disciplina, o conhecimento de sua própria realidade e existência como ser atuante e modificador do espaço. Era neste sentido que sempre buscou-se dá condicionamento e autonomia a uma disciplina que viveu durante muitos anos a mera sensação de ser um mero objeto de estratégia territorial e interesses políticos, sem ser pensada de alguma forma, para o estudo da sociedade, na influência da transformação do espaço geográfico.

Espera-se que este trabalho não seja apenas mais um referencial ou uma muleta bibliográfica qualquer para outros leitores, mas que possa contagiar os (as) leitores (as),

frutificando ideias e instigá-los às discussões, atenuando-se para a mudança e autonomia dentro da disciplina de Geografia, e que essas ideias possam ser vivenciadas na prática.

Objetivos

A partir das discussões trazidas no curso de Geografia e as aulas planejadas durante a realização do Estágio Supervisionado, busca-se por meio deste trabalho, mostrar como o ambiente escolar tem sido o espaço da construção social em conjunto com o ensino de Geografia, além de suas relações sócio-culturais no ambiente escolar que a cada dia suscita debates, críticas e discussões no seio do conhecimento.

Procedimentos Metodológicos

Para um melhor entendimento da elaboração deste trabalho, acerca das discussões sobre ensino-aprendizado entrelaçados com o conhecimento geográfico, fez-se necessário algumas leituras teóricas bibliográficas de Morin (2000), Freire (2008), Cavalcante (2013), Moreira e Candau (2010) e Moreira (2008) respectivamente.

O papel do professor de Geografia nesta fase atual do processo de ensino-aprendizado é, contudo, mais do que transmitir conhecimento através de mapas cartográficos e de outros recursos metodológicos do ensino geográfico, mas propor em sua sala de aula, interação, atratividade construção sócio-cultural em conjunto com o próximo.

Resultados Obtidos

Crise na Geografia Escolar? É o que Straforini (2008) vem dizer no livro, Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais, no Capítulo II sobre DILEMAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA. O autor faz uma longa crítica a respeito do ensino de Geografia no Ensino Fundamental e Médio, pois, na opinião dele, a disciplina tem deixado

muito a desejar, no entanto, ele vem destacar também que as transformações educacionais e os interesses externos, foram falhas que comprometeram o ensino escolar e conseqüentemente a Geografia.

E isso não foge da realidade de nossas escolas públicas, e que a cada dia, se faz necessário repensar as posturas educacionais, que muitas vezes ficam limitadas apenas nas discussões teóricas da academia e com extrema dificuldade de serem postas em práticas, o que nos dá uma sensação de desconforto, desânimo. No entanto, devemos sempre desafiar essas impossibilidades que há na sala de aula, e procurar sempre envolver o aluno com uma boa aula.

O desafio de sermos futuros professores é um processo que nunca acaba, está sempre em continuidade, em movimento, é uma maratona, na qual, temos que correr todos os dias não tão somente para ensinar o conteúdo, mas trabalhar com diversos sujeitos, cada qual, com suas particularidades e problemas diferentes.

É encararmos uma etapa diferente de ensino em que todos os dias cobra mais e mais dos profissionais da educação, na qual, busca-se um ensino de renovação, que não só esteja à frente dos recursos tecnológicos a favor da educação (data show, vídeos, câmera digital, etc), e de propostas didática-metodológicas a favor da inovação escolar, mas também, dos problemas que em volta da sociedade e do mundo em que vivemos.

A mudança significa alterar algo, fazer diferente, gerar algo novo que irá gerar conseqüências positivas ou negativas, dependendo do lugar e da realidade vivida. Toda mudança é difícil, toda mudança consiste no esforço e desgaste físico e emocional do ser humano. Mudar de escola, de cidade, de país. Mudar hábitos e costumes, de estilo de vida, de valores. Tarefa difícil, porque exige um investimento de energia que muitas vezes provém de onde não temos.

Assim também é o ensino, sendo que a sala de aula como o lugar de interação de conhecimento e ao mesmo tempo de conflitos, não foge desta discussão. A Geografia por muito tempo esteve agregada ao modelo de uma única disciplina chamada de *Estudos Sociais*, que tanto agregava a Geografia como a História, sendo que essa junção, acabou deixando algumas seqüelas, sendo que uma delas foi o pouco reconhecimento tido na Geografia dentro das escolas públicas.

Todavia, um ponto extremamente importante a ser discutido é o estágio supervisionado, pois, não significa somente uma proposta curricular, mas devemos considerá-lo como um componente de muita importância para a nossa prática docente, é através do estágio que adquirimos as habilidades tanto de ensinar, como adquirimos relação e convivência com aluno, conhecer a sua postura, compartilhar dos seus problemas vividos no dia a dia, enfim, o estágio nos proporciona esses aspectos positivos, já que “a profissão docente é uma prática social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino” (PIMENTA, LIMA, 2006, p. 11, grifo do autor).

Toda e qualquer instituição pública de ensino, deve por sinal abarcar a vinda de um estagiário, para que ele possa compartilhar experiências e adquirir maturidade suficiente para lidar com a sala de aula, adquirindo sempre maturidade intelectual, para que frente aos novos desafios, consiga atender as expectativas de aulas extremamente compostas por dinâmicas e discussões.

Mesmo com a mudança dos hábitos tradicionais e de modelos que não deram sentido a disciplina de Geografia, é preciso compreender que alguns modelos tradicionais são imprescindíveis se souber trabalhar de maneira construtivista e crítica na visão-mundo em que vivemos.

Pensar com cuidado na importância do ensino de Geografia neste início de século, é refletir com cautela acerca de uma disciplina que no passado esteve sobre ameaçada sobre os riscos de métodos mal elaborados. Nesse sentido, as palavras de Straforini, são de extrema importância no diálogo com este trabalho, quando este autor retrata como deve ser tratado com cuidado *a importância no ensino de Geografia*, diz o autor, quanto a Geografia Escolar que:

[...] faz-se necessário questionarmos o seu papel nas escolas, pois sem uma clara definição desse papel não podemos escolher uma corrente teórica-metodológica que dê sustentação a nossa visão de mundo, evitando, desta forma, o risco de ensinarmos uma Geografia Tradicional escamoteada por fragmentos de várias linhas e correntes teórico-metodológicas, ou seja, uma verdadeira colcha de retalhos, porém, sem o encanto da simplicidade e do colorido, mas sim confusa e tênue. (2008, p. 51)

É necessário sempre estarmos atentos para as ações e nossas práticas docentes exercidas em sala de aula, e é preciso ter esse cuidado quanto ao Ensino de Geografia nas

escolas, evitando que seus métodos tradicionais, não extrapolem o diálogo atual e crítico ao que propomos na discussão docente e discente, ao mesmo tempo em que a mudança é algo extremamente difícil, como já discutimos no início.

Com isso, “[...] é preciso não esquecer sua natureza coletiva, pois educar não se restringe á ação isolada de cada professor no limite de tempo em que se vê frente a frente com o seu aluno. A sensação de estar “reinando” sozinho, toda vez que se fecha a porta da sala de aula é egocêntrica e ilusória [...]” (ROSA, 2000, p. 44). É preciso refletirmos sobre essas ações que muitas vezes são deixadas por despercebidas dentro do ambiente escolar, cabendo a nós, educadores do hoje e do amanhã, fazermos uma avaliação acerca de nossas atitudes, no limite do nosso atuar pedagógico.

É preciso acreditar que este mundo de hoje, exige de nossa capacitação profissional e educadora, consistência para o atuar na sala de aula, pensando na realidade do (a) aluno (a), proporcionando-o aprendizado e instigando-o à curiosidade, construindo na sala de aula, o que ele pode levar para a vida. É nessa perspectiva que,

Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento. (STRAFORINI, 2008, p. 51)

Os princípios básicos para a mudança, é refletir os nossos erros cometidos no passado, e fazer no hoje, o esforço de se construir de forma crítica, uma Geografia escolar para que o discente possa compreender, que essa disciplina faz parte do seu mundo em que vive, da Globalização que está mudando todos os dias o modo de vida das pessoas, dos impactos ambientais que atingem a geração atual, enfim, temáticas essas, que devem ser postas em práticas na sala de aula, gerando criticidade, discussão e dinamização.

A educação no modelo atual em que se encontra, exige dos professores cada vez mais métodos inovadores, que sejam disseminados nas aulas e no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Na geografia não é diferente, e a nosso ver, mais necessário, pois por se tratar da ciência que estuda o homem e o meio em que ele vive, deve contar com um arcabouço

amplo de técnicas de ensino, e somente o professor criativo pode desenvolver esse processo.

A geografia enquanto ciência intrinsecamente inserida na vivência da sociedade, necessita de uma constante renovação, fazendo da mesma, uma disciplina atrativa para o público estudantil, pois podemos observar em grande parte dos alunos, uma certa falta de interesse pela mesma, os motivos são diversos, mas o mais ouvido é o rótulo “disciplina chata”, lembrando que é dessa nomenclatura que pretendemos nos afastar, a criatividade e inovações são então de fundamental importância para que esse objetivo seja alcançado.

Nós futuros professores de Geografia, não devemos fugir dessa missão, de educar e fazer da disciplina em sala de aula, atrativa e gratificante, fazendo com que o aluno tenha a capacidade de conhecer os problemas que estão acerca do mundo, já que “com a globalização a escola não tem somente a função de desenvolver a inteligência, o senso crítico, a criatividade e a iniciativa pessoal, mas também discutir os grandes problemas do mundo” Vesentini (apud STRAFORINI, 2008, p. 51).

Um passo importante e de grande ajuda nessa transformação na educação, e na criação de profissionais criativos é o estágio, os estudantes dos cursos de licenciatura, em especial de geografia, na suas experiências nas salas de aula costumam inovar, levando recursos diversos como, hemerotecas, murais temáticos, aulas de campo, entre outras diversas mais, gerando assim uma enorme diversificação nas aulas, saindo do tradicionalismo comum em nossas escolas, durante a nossa estadia no estágio supervisionado, tivemos a oportunidade de implementar novas técnicas.

A modernidade rege as transformações, pois novas perspectivas vão se apresentando, a educação como um processo está em constante mudança os profissionais tem de estar também se reciclando, assim o pleno contado do ensino-aprendizado em Geografia faz-se cada vez mais importante e necessária, pois nas palavras de Cavalcante (2013),

O contato com a escola, com os professores de Geografia, diretamente ou por meio de depoimentos que eles fazem para diferentes investigações, permite constatar que eles estão buscando experimentar formas alternativas de trabalhar com a Geografia, dando-lhe mais significado para os alunos.
(378)

O ser criativo consegue ir mais longe, e enquanto professor indo mais longe, leva seus alunos pelo mesmo caminho, o futuro da educação depende inteiramente dos atores inseridos nesse processo, escolas, professores, alunos e todas as demais esferas, fazem a educação, e esta precisa da contribuição assídua e qualitativa de todos, juntos farão da educação do futuro.

Conclusões

O Século XXI está em constantes transformações no que concerne o campo da cultura, da política, da religião, das artes, da economia e tanto dos problemas sociais e ambientais. Neste sentido, a educação também vem se transformando, no entanto, é preciso situar-se para essas mudanças, fazendo que o ensino de Geografia, mude também de maneira positiva.

Refletir sobre a importância do ensino de Geografia na sala de aula, é uma discussão que está infiligrana nos debates, seja em sala de aula ou nos grandes eventos, isto é, uma discussão que tende a suscitar mais debates e inquietações cada vez que nos deparamos com a dificuldade de se trabalhar de maneira consistente essa disciplina em sala de aula.

Contudo, acreditamos que a mudança é possível, está se tornando possível, com o esforço e a dedicação que transferimos em sala de aula, mediante o exercício de aproximação que fazemos no dia a dia durante a nossa formação. Por fim, espera-se que a discussão deste trabalho, possa ser visto de forma prática para nós e para aqueles que se apreciaram de maneira eficaz por essa leitura, e que o nosso trabalho em sala de aula, enquanto professores de Geografia, possam refletir no aluno, a busca pela curiosidade, pela crítica e pela construção de um mundo melhor, começando pela sua própria realidade.

Referências:

CAVALCANTE, L. S. Os Conteúdos Geográficos no cotidiano da escola e a meta de formação de conceitos. In: ALBUQUERQUE, A. M.; FERREIRA A. S. **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão.** João Pessoa: Editora Mídia, 2013. 496 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 11-143.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2000. p. 11-115.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**. v. 3, números 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e Mudança**. São Paulo: - 7º ed., Cortez, 2000.

SELBACH, S. **Geografia e Didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio na totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, - 2º edição, 2008.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim, Reinventando o Ensino da Geografia In: **Geografia em Perspectiva**. Editora contexto, São Paulo, 2009. P 331-343.

TONINI, I. M. **Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos**. Ijuí: Ed. Unijuí, - 2. ed. -, 2006, p. 88.